

Resistência Antimicrobiana: Como a Psicologia da Saúde Pode Contribuir?

Ana Carolina Baião, Marta Reis, Elisa K Castro, Ana Carolina Silva, Ana Soraia Godinho, Beatriz Bicho, Bissane Prigent, Christlène Livet, Elisa de Bussy, Liane Martins-Deliot, Lucile Bensoussan, Márcia Brás, Margarida Garcia, Margarida Casimiro, Marta Antunes, Neuza Correia, Nina Vandamme, Orlane Duhamel, Raquel Tabuada, Riham Hassan, Sara Ribeiro, Sara Pinela.

Egas Moniz School of Health and Science

mreis@egasmoniz.edu.pt; ecastro@egasmoniz.edu.pt

Introdução

A resistência antimicrobiana é o processo pelo qual os micro-organismos se adaptam e se tornam imunes aos tratamentos antimicrobianos, como antibióticos, muitas vezes devido ao uso inadequado e excessivo destes medicamentos, sendo um problema importante na maioria dos países (Morrison & Zembower, 2020).

Propõe-se uma abordagem de acordo com o plano “One Health” (Uma só saúde), para lidar com a resistência antimicrobiana com ações integradas no setor da saúde. O plano de ação conjunta “One Health”, lançado pela “Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura” (FAO), “Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente” (PNUMA), “Organização Mundial de Saúde” (OMS) e “Organização Mundial de Saúde Animal” (WOAH), visa integrar sistemas para prevenir, detetar e responder às ameaças à saúde de forma coletiva e colaborativa. Tem como objetivo, melhorar a saúde humana, animal, vegetal e ambiental, contribuindo para um desenvolvimento sustentável (UNEP, 2022).

Impacto da resistência no comportamento humano

A resistência antimicrobiana tornou-se um problema de saúde pública sendo uma consequência do uso indiscriminado de antibióticos tanto em humanos como em animais. Esta utilização indiscriminada aumenta a oportunidade da bactéria ser exposta, bem como a aquisição de mecanismos de resistência (Santos, 2004).

Existe uma necessidade de adequar o sistema de saúde pública e privada, de forma a ter um controlo mais rígido na prescrição e disponibilização de antibióticos. É importante também aprimorar a orientação em saúde de modo a transmitir conhecimento à população sobre a causa da resistência antimicrobiana pois, este é o caminho para obtermos melhores resultados nos tratamentos e um declínio nas taxas de mortalidade causadas pela resistência antimicrobiana (Machada et al., 2021).

Segundo Santos (2004), a resistência antimicrobiana tem tido um impacto significativo no ambiente hospitalar.

O aumento deste fenómeno na sociedade atual, significará uma necessidade de utilização de técnicas mais antigas e menos eficazes de forma a controlar as infeções. A existência desta crise é amplamente conhecida pelas organizações que fornecem uma série de recomendações que possam ajudar a gerir e intervir na crise tendo sido observado que estas recomendações são úteis para melhorar a saúde da população (Michael et al., 2014).

Prevalência

Os patógenos mais comuns globalmente, relativamente ao nível de RAM, são o *Escherichia Coli*, com uma prevalência de 42%, e o *Staphylococcus aureus*, com uma prevalência de 35%. Porém, estas percentagens diminuem em países com alta cobertura de testes, 11% e 6,8% para cada patógeno, respetivamente.

No entanto, devido à cobertura insuficiente de testes e à baixa capacidade laboratorial de certos países de baixa e média renda, é difícil interpretar as taxas de resistência microbiana (World Health Organization [WHO], 2022).



Como intervir?

A implementação de programas de intervenção de resistência antimicrobiana é crucial para a saúde pública global. Desta forma, podemos reunir diversas intervenções para aplicar globalmente, tais como incentivar a consciencialização dos profissionais de saúde para evitar a prescrição excessiva de medicação (Core Elements Of Hospital Antibiotic Stewardship Programs, 2022; Leibovici et al., 1999; Shelke et al., 2023) e potenciar a utilização correta da mesma (Leibovici et al., 1999; Pulcini & Gyssens, 2013; Shelke et al., 2023); implementar diretrizes e protocolos de forma a monitorizar e rastrear o uso de determinada medicação e os seus padrões de resistência (Bankar et al., 2022; Leibovici et al., 1999; Majumder et al., 2020; Kakkar et al., 2020; Shelke et al., 2023); promover a vacinação (Micoli et al., 2021; Frost et al., 2023; Shelke et al., 2023); promover o desenvolvimento de novas vacinas, com o objetivo de reduzir as doenças infecciosas e, consequentemente a necessidade de medicação; sensibilizar e psico-educar a população de forma a que os mesmos compreendam a importância de recorrer a medicação apenas prescrita (Pulcini & Gyssens, 2013; Shelke et al., 2023); preparar as infraestruturas de saúde e respetivos profissionais para uma reestruturação no cuidado do paciente (Dyar et al., 2017; Shelke et al., 2023); incentivar a existência de avaliações periódicas de forma a monitorizar a eficiência das medidas aplicadas e implementar modificações de acordo com as necessidades (Core Elements Of Hospital Antibiotic Stewardship Programs, 2022; Shelke et al., 2023).

Contribuição da Psicologia da Saúde

Os fatores de risco da RAM incluem o consumo frequente de antibióticos e o ambiente social que facilita a proliferação bacteriana. Fatores emocionais, cognitivos e sociais impactam as práticas de prescrição (Donisi et al., 2019). A psicologia da saúde tem o objetivo de realçar a importância de compreender os fatores que influenciam a resistência antimicrobiana (RAM). Os psicólogos podem contribuir na redução da RAM ao aumentar o conhecimento e implementar intervenções efetivas segundo uma abordagem multidisciplinar e de sensibilização à prática de medidas da promoção da saúde com vista ao bem estar (Calvo-Villamana, 2023). A intervenção dos psicólogos ajudam a desenvolver comportamentos que contribuem para a diminuição da taxa antimicrobiana, como o uso correto de antissépticos ou a adesão a tratamentos de antibióticos. O trabalho do psicólogo da saúde neste contexto passa por promover a comunicação entre profissionais de saúde, e promover uma base de evidências mais robusta. Ao longo do tempo a psicologia da saúde está cada vez mais presente neste contexto, o que facilita a colaboração interdisciplinar e melhora a eficácia das intervenções (Flowers, 2018). Conclui-se que continua a ser necessário haver mais atividades educacionais sobre a taxa antimicrobiana por parte dos psicólogos para que seja possível mudar comportamentos (Harbarth et al., 2015).

